

ANGELA
BITTENCOURT

VALOR ECONÔMICO

22 JUL 2002



Surpresa operacional, esperança política

O Banco Central cortou o juro básico da economia na semana passada e foi confirmada a revisão das taxas de prazos mais longos. Mas apenas com muito reprise, o agudo ajuste dos juros, explícito nos últimos dias, poderá tornar factível as aspirações de crescimento econômico alardeadas pelos candidatos à Presidência da República. Reprise em excesso, porém, não garante que o BC fechará o atual governo sem arranhar a credibilidade de seus argumentos.

Semana passada, a surpresa com a queda do juro de curto prazo em 50 pontos-base ou 0,50 ponto percentual atíçou comentários sobre uma suposta 'decisão política' da instituição para dar uma força à combalida campanha do candidato tucano, José Serra.

Após muito diz-que-diz, o mercado optou pela tradicional e cômoda divisão de opiniões e prevaleceu a idéia de que havia, sim, espaço para convivência com juro menor.

Amante de extremos, o mercado acabou reconhecendo que o espaço existia e há mais tempo. No mínimo, o BC perdeu uma oportunidade recente de evitar que uma decisão de natureza técnica fosse interpretada como gesto político.

O BC desperdiçou ao menos uma chance ímpar em junho, alerta o economista-chefe da Sul América Investimentos, Luiz Carlos Costa Rego. O BC estaria ancorado em irrefutável argumento se tivesse usado o 'viés de baixa', reduzindo o juro, logo após anunciar, no último dia 27, nova meta de inflação para 2003 e a ampliação da margem de tolerância de flutuação do ponto central da meta.

O BC levou um ano para ressuscitar o 'viés' e surpreendeu. Levou a semana seguinte para confirmar mudanças na política de metas de inflação de um governo que terá novo piloto e surpreendeu. E levou mais três semanas para cortar o juro e surpreendeu.

Este longo calvário, do desejo à decisão, permitiu que o juro projetado para janeiro de 2003, que sela o governo FHC e é o mais cotado na BM&F, caísse num bailado invejado por alguns e criticado por outros. Entre a adoção do 'viés de baixa' em 19 de junho e a sexta passada, o DI de janeiro subiu 314 pontos-base, recuou 235, avançou 80 pontos e emagreceu 203, encerrando a semana em 21,12% ao ano.

O dólar mostrou desenvoltura em fortes e freqüentes movimentos. Do 'viés de baixa' a 1º de julho, valorizou 7,13%, atingindo recorde histórico de R\$ 2,90 em fechamento de mercado.

Em três dias — até o BC retornar às intervenções diárias no câmbio — o dólar perdeu 1,55%. Em mais dois dias recuperou o peso para devolver quase 3% no dia 11. Desta data até a sexta, o dólar ganhou mais 2,6%.

No mês, o dólar exibe alta modesta, de 1,66%. Perturbadora é a sanfona dedilhada pelo juro e pelo câmbio. Tanto, que o risco Brasil não foi beneficiado pelas decisões do

BC. No mês, o risco sobe 1,5%. Na sexta, fechou a 1.550 pontos.

O mercado está se esforçando para assistir a um final feliz e quem responder pelo primeiro aviso aos navegantes possivelmente extrairá dividendos políticos de tão esperado gesto.

Neste contexto o mercado vislumbra a possibilidade de o PSDB se mexer, engajar FHC na campanha de José Serra e dar um empurrão no candidato que ainda não deslanchou no gosto popular. Mas a ameaça de "cristianização" de Serra em 11 estados pode provocar um choque de expectativas (veja página A10).

Neste contexto, o mercado espera sinal verde da número 2 do FMI, Anne Krueger, quanto à extensão do acordo brasileiro em vigor, a aportes de recursos ou, talvez, à redução do piso das reservas líquidas para aumentar a munição do BC no mercado de câmbio.

Anne estará no Brasil nesta semana, e hoje encontra-se com Arminio Fraga. Amanhã conversa com o ministro Pedro Malan e será recebida pelo presidente FHC. Também está na agenda dos eventos de conclusão imponderável, o encontro entre o presidente do BC e o candidato da Frente Trabalhista, Ciro Gomes.

O comportamento das bolsas internacionais é capítulo a parte a ser folheado nos próximos dias. Na sexta, o tradicional Dow Jones Industrial (DJI) tombou abaixo de 8.000 pontos e por um triz não fechou na pior marca desde setembro de 1997. Fechou aos 8.019,26 pontos — nível mais baixo desde outubro de 1998.

Apesar da diferença de um ano entre o péssimo e o ruim, a bolsa americana revive momentos de crises financeiras internacionais sem precedentes. Portanto, preocupa. O ceticismo dos investidores internacionais frente aos intermináveis escândalos contábeis continua provocando uma revoada para o risco nobre — títulos do Tesouro americano e deixando à míngua os mercados emergentes. O Nasdaq fechou a sexta aos 1.319,15 pontos e pode, nesta segunda, romper 1.300 pontos. Se o pior vier, o ícone dos setores de alta tecnologia estará mergulhando na pior pontuação desde 1996. Não há o que comemorar. Há muito a observar.

Angela Bittencourt é editora de Finanças

E-mail angela.bittencourt@valor.com.br